

# LETRAMENTO: NOVAS PRÁTICAS PARA O ENSINO DA ALFABETIZAÇÃO

**Autora:** Nyedja Nara Furtado de Abrantes  
Graduanda do Curso de Pedagogia /UAE/CFP/UFCG

## Resumo

O presente trabalho refere-se a um estudo bibliográfico envolvendo o significado de letramento, e o quanto a sua significância no mundo da leitura, pode transformar as práticas de ensino. Inserir os sujeitos na sociedade, sendo estes capazes de apreender a leitura, para utilizá-la com proficiência no seu dia a dia não é tarefa fácil. Mais do que decodificar, o ensino tendo em vista o letramento, busca uma mediação diante da leitura capaz de fazer com que os alunos interpretem o mundo, de forma que ajam neste, como cidadãos críticos e reflexivos. Portanto, este trabalho utilizando-se de concepções teóricas, ressaltadas por autores que estudam sobre essa temática, tendo um enorme acervo de compreensão da mesma, tece algumas considerações sobre letramento, reconhecendo o quanto através dele o sujeito é capaz de construir sua própria história, alfabetizando-se e transformando-se nos diversos aspectos da vida social, intelectual e também porque não dizer político.

**Palavras-chaves:** Letramento. Alfabetização. Transformação Social.

## 1. Introdução

Diante de grandes transformações vivenciadas no mundo hoje, a escola com objetivo de inserir os educandos na sociedade, sendo estes capazes de apreender a leitura, para utilizá-la com proficiência no seu dia a dia deve, mais do que construir junto com estes a decodificação que se insere nos estudos da leitura, buscar uma mediação diante desta, capaz de fazer com que os mesmos interpretem o mundo, de forma que construam e ajam neste, sendo cidadãos críticos e reflexivos.

Todavia, para alcançar esta façanha, de forma que construa através da leitura sua própria história, alfabetizando-se, bem como se reconhecendo capaz é preciso entender que, além do processo de aquisição à leitura que o sujeito necessita adquirir, o que deve ser relevante também, se refere uma alfabetização pautada na transformação social.

Antunes (2003, p. 37) corrobora dizendo que: “[...] não dá mais para “tolerar” uma escola que por vezes, nem sequer alfabetiza (principalmente os mais pobre) ou que, alfabetizando, não forma leitores nem pessoas capazes de expressar-se por escrito, coerente e relevantemente, para, assumindo a palavra, serem autores de uma nova ordem e coisas”.

Tendo em vista essa afirmação, é preciso a escola no processo de letramento levar em consideração atividades de leitura, que instiguem a criatividade, e que essas intervenções, conseqüentemente, assegurem aos sujeitos nos atos de reflexão sobre o que pensa ser neste mundo, a sua ação diante dele, e o sentido que tem dado a leitura, diante do mundo globalizado em que vivemos hoje.

Pois, sabendo que ler perpassa todo entendimento que se tem do ato em si, é coerente dizer que ler é também um processo, no qual envolve interpretação, significação e desejo em aprender, como ressalta (Solé, 1998, p. 21 apud Tamarozzi, et. al., 2009, p. 103) sobre a leitura, quando diz que a mesma “[...] é um processo de interação entre leitor e texto, configurando-se um meio de aquisição do que se passa ao redor do homem; portanto, tem dimensão social e cultural; provoca, enriquece e encaminha a reflexão”.

Dessa forma, este trabalho utilizando-se de um estudo bibliográfico, ressaltado por autores que subsidiaram a construção deste trabalho, estes relevantemente apropriados para discorrer diante destas temáticas tão importantes, tece logo abaixo, considerações para compreender, que através de uma leitura pautada no letramento, o sujeito é capaz de construir sua própria história, alfabetizando-se, bem como através desse processo, transformando-se nos diversos aspectos da vida, social, intelectual e também político.

## **2. Letramento: seu significado e novas práticas no ensino**

Muitas vezes, a própria ausência do significado de letramento tem causado uma prática metodológica mecanicista em sala de aula. Desenvolvendo um trabalho de forma peculiar em relação à proficiência do aprendizado da leitura, podemos perceber que a escola precisa renovar suas práticas, e não reforçar as atividades que expressam o tradicionalismo e as reproduções mecanicistas, como: o trabalho individualizado com as cartilhas, o soletamento, letras descontextualizadas com repetições, memorizações e cópias de grafismo.

O letramento, transcendendo estes aspectos, pois, como afirma Soares (2001):

[...] um indivíduo alfabetizado não é necessariamente um indivíduo letrado; alfabetizado é aquele que saber ler e escrever, já o indivíduo letrado, o indivíduo que vive em estado de letramento, é não só aquele que sabe ler e escrever, mas aquele que usa socialmente a leitura e a escrita, pratica a leitura e a escrita, responde adequadamente às demandas sociais da leitura e escrita. (SOARES, 2001, p. 39-40)

O mesmo utiliza-se do ensino da leitura como uso social, que se realiza para sensibilizar o sujeito a adquirir senso crítico das coisas, contudo, para se apropriar de uma leitura que amplie sua visão de mundo, construindo um indivíduo, devidamente, letrado, ou seja, capaz de se desenvolver socialmente através da leitura.

Desenvolver, portanto, este trabalho é também tomar ciência da responsabilidade de apresentar para os sujeitos diante da leitura, os problemas do mundo, para que os mesmos se posicionem frente a estes, de forma autônoma e crítica. Portanto, como alternativas pedagógicas de um trabalho de leitura voltado à valorização da linguagem dos indivíduos, suas histórias de vida, lugares onde habitam, problemas sociais que os envolvem, são aspectos que precisam ser evidenciados nas atividades e rodas de conversas; diálogo e o incentivo do alfabetizador para a apropriação da leitura.

Corroborando com esta idéia, Pinto (2007) relata que:

[...] a aprendizagem dos elementos originais da leitura tem que partir de palavras motivadoras que são aquelas dotadas de conteúdo semântico imediatamente percebido pelo aluno, que se destacam como expressão de sua relação direta e contínua com a realidade na qual vive. (PINTO, 2007, p. 86)

É nessa perspectiva, que o ensino de leitura deve pautar-se, desde a significação de conteúdos, que discorram sobre o que os sujeitos conheçam de sua realidade, até facilitar o processo de aprendizagem que ele busca, através da sua cultura e linguagem. Assim, é de extrema importância que, além de mediador, o professor possa considerar as condições também dos sujeitos, que com conteúdos significativos, estes ligados a assuntos atuais, familiares, profissionais, financeiros, e a necessidade em aprender a ler, seja o princípio para que a leitura seja ressignificada e apreendida.

### **3. Afinal o que é Ler, e qual o papel do professor nesse processo?**

Compreendendo ainda, como diz Solé (1998, p. 90), que “Ler é muito mais do que possuir um rico cabedal de estratégias e técnicas. Ler é, sobretudo uma atividade voluntária e prazerosa, e quando ensinamos a ler devemos levar isso em conta”, o alfabetizador deve propor atividades de leitura que sejam compartilhadas aos interesses dos sujeitos, haja vista, que o estímulo para isso remete a compreensão da função social da leitura, em que se constitui no propor atividades com textos de atualidade, livros e textos suscetíveis a uma proposta

construtivista de ensino, mesmo que isso não seja tão fácil como parece, como expressa Lerner (2002) quando diz que:

Articular a teoria construtivista da aprendizagem com as regras e exigências institucionais está longe de ser fácil: é preciso encontrar outra maneira de administrar o tempo, é preciso criar novos modos de controlar aprendizagem, é preciso transformar a distribuição dos papéis do professor e do aluno em relação à leitura, é preciso conciliar os objetivos institucionais com os objetivos pessoais do aluno [...]. (LERNER, 2002, p.79)

Dessa maneira, é possível dizer que etapas, como planejamento, pesquisas e leituras merecem ser seguidas pelo alfabetizador para assegurar a aprendizagem dos sujeitos nesse processo. Pois, como diz Antunes (2003, p. 36) “O novo perfil do professor é aquele do pesquisador, que com seus alunos (e não, “para” eles), produz conhecimento, o descobre e o redescobre. Sempre”.

É do professor que deve surgir propostas de estudos, projetos e conhecimento de teorias, para que novos modelos de trabalho aconteçam, proporcionando ao processo de ensino de leitura, um início tranquilo de descobertas de aprendizagem, sendo uma construção proficiente no dia a dia.

Compreendemos, portanto, que tudo ao redor, seja no espaço da sala de aula, fora dela, nos diálogos com os sujeitos, considerando seus objetivos de vida, suas percepções podem representar instrumentos instigadores de trabalho para esta aprendizagem. Cabe criatividade, estudos e desejo da aquisição e compreensão da leitura pelos sujeitos, para que esta façanha ocorra.

É preciso também considerar que ler transcende muitos procedimentos técnicos, pois como expressa (Teberosky & Colomer, apud Coutinho, 2005):

As crianças, antes de poderem ler e escrever sozinhas [...], formula uma série de ideias próprias ou hipóteses, atribuindo aos símbolos da escrita alfabética significados bastante distintos dos que lhes transmitem os adultos que as alfabetizam. (TEBEROSKY & COLOMER, 2003 apud COUTINHO, 2005, p. 50)

O que esclarece que antes mesmo de adentrar na escola, os sujeitos vivencia em seu meio social, experiências que lhe servirão de ponte a conhecimentos para a base do processo de alfabetização e leitura. Mas, para que isso incida com veemência é preciso que os professores considerem e permitam tal processo.

Assim, referindo-se ainda ao ato de ler, Freire (1989, p. 11-12) relata que o mesmo “[...] não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas [...] se antecipa e se alonga na inteligência do mundo, o que nos faz compreender que as experiências de vida contam muito para que crianças se apropriem de uma leitura expressiva não somente no ato em si, sobretudo, também na ampliação de sua leitura de mundo.

Freire (1989, p.12) também diz que a “[...] Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançado por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e contexto”, fato que revela a importância da contextualização e seleção das leituras, estas, de forma a instigar a tarefa de o sujeito viajar diante de uma leitura prazerosa e de valor para ele.

Partindo da afirmação que “as crianças são facilmente alfabetizáveis; [...]”, como diz Ferreiro (1993, p. 17), e que “nenhuma prática pedagógica é neutra”, Ferreiro (2000, p.31), a leitura em todas as propostas educacionais deve corresponder à realidade que cerca o indivíduo, só assim o professor não subestimar a capacidade do aluno em aprender e interpretar essa realidade, sendo o professor capaz, a partir de leituras construir valores que acredita serem imprescindíveis para a vida dos pequenos leitores da palavra e do mundo.

Lerner (2002, p. 95) enfatiza que “A leitura do professor é de particular importância na primeira etapa da escolaridade, quando as crianças ainda não leem eficazmente por si mesmas [...]”. Assim, além de compreender as habilidades de cada criança, as metodologias aplicadas devem tornar esse processo de forma que integre considerações entre o ritmo de cada criança, o meio que a rodeia, e as leituras que façam as mesmas escutarem e viajarem no mundo da imaginação.

Assim, é relevante a habilidade do professor nesse contexto, pois compreendemos que para as crianças aprenderem não é preciso manter a ideia do ensinar em si. Como diz Ferreiro (1993, p. 38) “não se deve ensinar, porém deve-se permitir que a criança aprenda”, e para que a mesma aprenda, deve ser considerado que muitas vezes são os adultos que dificultam esse processo, como afirma Ferreiro (1993).

#### **4. Ler e escrever: os desafios da escola em alfabetizar**

A escola tem enfrentado há muito tempo o problema crucial da escolarização, principalmente na escola pública, pois como enfoca Ferreiro (2003, p. 16) sobre os setores dessa educação, “[...] baixa-se a qualidade, e se consegue apenas um “mínimo de alfabetização. Isso é alcançar um nível “técnico rudimentar” apenas a possibilidade de

decodificar textos breves e escrever algumas palavras [...]”. Nesse sentido, é a partir dessa escolarização que muitas crianças conseguem avançar em séries, ocupando as carteiras, porém sem a aquisição e nem proficiência da leitura e de uma aprendizagem de qualidade.

Mesmo diante de grandes transformações, se observa ainda resistências de muitos professores em vivenciar práticas mais atuais e modernas para o ensino da leitura. Se tratando das atividades em torno da escrita das primeiras letras, por exemplo, é muito aceito nas escolas o processo de aquisição dessa atividade mecanicista. Como diz Antunes (2003, p. 27) se tratando do trabalho com a escrita ainda é possível constatar: “a prática [...] de uma escrita improvisada, sem planejamento e sem revisão, na qual o que conta é, prioritariamente, a tarefa de realizá-la, não importa “o que se diga” e o “como se faz”. O que nos levar a considerar o fato das dificuldades de muitas crianças, ao iniciarem sua trajetória de leitura e escrita.

Uma atividade mecanicista que tem marcado o ensino e as escolas até os dias de hoje é a de cobrir pontilhados, usada no trabalho com as letras iniciais. Não que essa atividade seja desconsiderada no desenvolvimento da coordenação motora, pois vale ressaltar, que esta é muito importante também nesse processo, porém quando aplicada em atividades de apreensão da escrita, a atividade se torna monótona e incapaz de instigar a aprendizagem mediante os desafios de aprender a escrever e ler na escola.

Ferreiro (1993) em relação à atividade de cobrir as letras em pontilhados relata o que na verdade nesse processo se

“[...] está preparando é a mão para que pegue o lápis e faça traçados controlados; o olho para que distinga entre formas fechadas e abertas, curvas e retas, orientação acima/abaixo e direita/esquerda; o ouvido para que distinga as diferenças sonoras desligadas do significado, e o aparelho fonador para que pronuncie isoladamente os sons que nunca são produzidos isoladamente na fala. De nenhuma maneira se está preparando a inteligência da criança para compreender esse modo particular de representação da linguagem que é o sistema alfabético de escrita. (FERREIRO, 1993, p. 40)

É uma pena observar nas escolas essa realidade, pois a apropriação desse trabalho mecânico acaba condicionando e subestimando os sujeitos. Cobrir as letras pontilhadas tendem a fazer com que a criança acompanhe sem nenhum significado linhas predeterminadas, o que de fato promove posteriormente dificuldades na identificação e significados das letras.

Sobretudo, é importante ressaltarmos que em muitos casos, os professores não estão preparados, e nem conseguem muitas vezes, conciliar suas atividades, o que atrapalha o resultado de uma aula com aprendizagem satisfatória. Por outro lado, existe a prática de usar

ainda cartilhas e livros didáticos, que apenas se detém a atividades mecânicas e tradicionais. Contudo, sabemos que com criatividade e disponibilidade podemos realizar o “novo” e do mesmo desenvolver atividades de leitura e escrita que desafiem os sujeitos a aprender.

Diante de estudos relacionados à leitura até aqui, reportamo-nos a Antunes (2003, p. 36) quando diz que: “Já não há mais lugar para o professor simplesmente repetidor, [...] que fica, passivo, à espera de que lhe digam exatamente como fazer; como “passar” ou “aplicar” as noções que lhes ensinaram”, nos fazendo refletir o quanto a escola deve repensar a sua prática e trabalhar com métodos inovadores, para que as crianças aprendam sem fadiga, mas com contentamento, porque como diz Ferreiro (1993, p. 35) “o problema é que as crianças tendem espontaneamente a pensar, e toda propostas pedagógica que as obrigue a renunciar a compreender dificulta a aprendizagem”. Diante disso, é possível afirmar que muito ainda precisa a escola se apropriar da sua responsabilidade, bem como o alfabetizador, e as crianças, como sujeitos centrais nesse processo, serem acolhidas para uma aprendizagem que não as subestime, pelo contrário, se desenvolvam a partir de um conhecimento problematizador e desafiante.

## **5. Considerações Finais**

Este estudo bibliográfico possibilitou o reconhecimento do grande desafio que é promover uma aprendizagem na leitura, tendo como base o letramento nesse processo, de forma que os sujeitos apreendam e se apropriem de uma leitura, conforme o contexto da sua realidade e das vivências, sendo capaz de intervir e se posicionar diante do mundo.

Compreendemos que de forma fragilizada a escola pública caminha sem ter muita atenção dos setores públicos educacionais, que muito impossibilita o oferecimento de recursos que a escola necessita, principalmente, nas séries iniciais uma das mais importantes na vida das crianças.

Porém, não podemos responsabilizar somente as políticas públicas, no que se refere às crianças não se apropriarem de uma leitura para a vida, o professor, muitas vezes por não ter sido acompanhado com uma formação continuada, ou pelo fato do descaso, e até mesmo cansaço, não garante as condições que as crianças precisam para aprender mais concretamente e com significância.

Portanto, acreditamos que o trabalho para formar estudantes proficientes na escrita e na leitura, deve ser recheado de desafios desde os primeiros anos do ensino, e se tratando do reconhecimento das letras iniciais e de sua leitura, o professor deve levar em consideração as

histórias lidas e seu contexto e as atividades que dão a ênfase ao desenvolvimento do ensino da escrita e leitura.

Nesse sentido, a escrita e a leitura em todas as etapas do ensino devem ser trabalhadas de forma prazerosa, em que gere transformação de perspectivas e reflexão sobre seu mundo, oportunizando o debate, e a discussão de ideias e assuntos que para os sujeitos são importantes, portanto, cabe ainda ao professor estudar, buscar aliar as leituras de mundo com a leitura das palavras, para que os sujeitos tomem posse de uma leitura significativa, sendo um leitor proficiente e socialmente atuante.

## 6. Referências

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro & interação**. Refletindo sobre a prática da aula de português. Parábola editorial, São Paulo, 2003.

COUTINHO, Marília de Lucena. **Alfabetização: apropriação do sistema de escrita alfabética/ Psicogênese da língua escrita: o que é? Como intervir em cada uma das hipóteses? Uma conversa entre professores**. In: Artur Gomes Morais/ Eliana Borges Correia de Albuquerque/Telma Ferraz Leal. Belo Horizonte, Autêntica, 2005.

FERREIRO, Emília. **Com todas as letras**. 4ª ed. São Paulo, Cortez, 1993.

\_\_\_\_\_. **Reflexões Sobre Alfabetização**. São Paulo: Cortez, 2000.

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam**. 23 ed. Cortez, São Paulo.

LERNER, Delia. **Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário**. Artmed - Porto Alegre, 2002.

PINTO, Álvaro Vieira. **Sete lições sobre educação de adultos**. 15ª ed. Cortez editora, São Paulo, 2007.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. 6ª ed. Art Med, Porto Alegre, 1998

TAMAROZZI, Edna; COSTA, Renato Pontes. **Educação de Jovens e Adultos**. 2 ed. IESDE Brasil S.A., Curitiba, 2009. Disponível em <http://www2.videolivrraria.com.br/pdfs/15660.pdf>. Acesso em 16 de abril de 2013.